

Irma¹

Camilla LAPA²

Guilherme CAVALCANTE³

Lorena AROUCHE⁴

Rodrigo CARREIRO⁵

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE.

Resumo:

O projeto refere-se à realização de uma vinheta, com aproximadamente 50 segundos, do curta metragem experimental de ficção homônimo, trabalho de conclusão de curso dos autores. Com captação visual em formato digital (DSLR), o curta aborda um flerte entre gêneros de modo despretenso: o gênero western, pelo viés do nordestern (conceito criado por Glauber Rocha para denominar a estética bang bang social cangaceira nordestina) e questões relacionadas à diversidade de gênero (sexual). A proposta é realizar um pastiche com clichês característicos da estética western adaptando-os à atmosfera nordestina através da jornada heróica de um personagem feminino.

Palavras-chave:

Gênero; western; pastiche; empoderamento.

1 INTRODUÇÃO

“A revolução é um ato de violência” Mao Tse Tung

O presente trabalho refere-se à realização de uma vinheta de apresentação do curta metragem experimental de ficção, IRMA, trabalho de conclusão do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Pernambuco dos 3 autores, com aproximadamente 50 segundos de duração e captação visual em formato digital (DSLR).

IRMA aborda um flerte entre gêneros de modo despretenso: o gênero western, pelo viés do nordestern (conceito criado por Glauber Rocha para denominar a estética bang bang social cangaceira nordestina) e questões relacionadas à diversidade de gênero.

A ideia do argumento é trabalhar com clichês característicos da estética western (temas, figurino, etc) utilizando-se da estética do pastiche, adaptando-os à atmosfera nordestina (sua mitologia, ambientação, etc) através da jornada de um personagem feminino homossexual.

O curta se passa em uma cidade do interior do Nordeste, local cenográfico em que aconteceu uma

1 Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Cinema e Audiovisual, modalidade CA 08 vinheta (Avulso).

2 Aluno líder do grupo e estudante do 8º. Semestre do Curso de Cinema e Audiovisual, email: camillalapa@hotmail.com.

3 Estudante do 8º. Semestre do Curso de Cinema e Audiovisual, email: gcavalcante172@gmail.com.

4 Estudante do Curso de Cinema e Audiovisual, email: arouche.lorena@gmail.com.

5 Orientador do trabalho. Professor do Curso de Cinema e Audiovisual, email: rcarreiro@gmail.com.

estória trágica que acabou por dizimar (quase por inteiro) uma família de camponeses. “Os Ferreira” foram assassinados por um jagunço capataz. O crime fora encomendado pelo coronel Nogueira, dono da fazenda onde eles trabalhavam.

Quinze anos depois, chega à mesma cidade, uma estranha forasteira. Seus trajes e aparência andrógina destoam do lugar. Seu nome: Irma.

Com sede de vingança, ela circula pelos arredores da cidade, buscando reconhecer o espaço e seus antagonistas.

2 OBJETIVO

A vinheta tem caráter de apresentação do universo do sertão, da própria caracterização da personagem protagonista e de possíveis referências ao gênero western presentes na obra. O pressuposto inicial para a idealização da vinheta foi o de, experimentalmente, configurar Irma, isoladamente, forte o suficiente para combater, desafiar e contradizer o imaginário popular que posiciona a mulher como sexo frágil.

A vinheta foi produzida para introdução do curta metragem homônimo e sua divulgação na Fanpage e Youtube. Reúne uma parte dos takes rodados para a primeira cena do filme, na qual IRMA retorna à sua cidade de origem após 15 anos. A cena se passa na estrada de terra que desemboca na cidade, a vinheta resume essa trajetória ao momento do reconhecimento e da ansiedade prévia ao avistamento da comunidade.

3 JUSTIFICATIVA

IRMA é um projeto que, embora se aproprie dos clichês do western, pode ser definido como híbrido. A intenção da realização é clara, se apropriar de conceitos estéticos de um gênero canônico, unindo isso a uma realidade distante e singular do sertão nordestino.

A vinheta foi produzida com o fim de um estudo de montagem desafiador, devido ao seu formato sintético de apresentação da personagem principal do curta metragem, preservando uma aura de mistério, sem revelar outros personagens da narrativa, ou sua história em si. Por excelência, a vinheta imbui a personagem de força, confrontando sua imagem ao impacto visual do universo sertanejo. No contexto da vinheta, Irma personifica a vida em meio a elementos cuja simbologia é de morte: seca, sol rachando, urubus e animais mortos. Entretanto, a vida que ela, metaforicamente, representa é uma vida que persegue a morte.

A estética cinema-novista exerce uma forte influência no projeto, em especial os filmes denominados por Glauber Rocha como *Nordestern*, o *bangue-bangue* social do cangaço.

Entre esses filmes brasileiros estão *Deus e o Diabo na Terra do Sol* e *O Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro*, ambos de Glauber Rocha.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Irma é um pseudônimo, um anagrama. Sua vida e passado são misteriosos. A sua subjetividade é o mote que baliza os valores, o cruzamento estético visual e sonoro do trabalho. O tema sonoro da vinheta, música não-diegética, foi composta por Rogério Lins, membro da banda Ampslina, responsável pela trilha do curta. O tema foi produzido antes da filmagem, ainda na fase de pré-produção, de forma independente ao corte da vinheta.

Visualmente, em termos de direção de arte, trafega entre a apropriação da estética western clássica junto ao ideal contemporâneo de produções atuais pastiche que reverenciaram o gênero, como por exemplo, o *Django* de Tarantino, *Bravura Indômita* dos Irmãos Coen, *Dead Man* de Jarmusch, etc.

As cenas da vinheta, assim como do curta, foram filmadas na Paraíba, em São João do Cariri, região que possui características geográficas semelhantes ao sertão. O perfil psicológico da personagem protagonista aproxima a narrativa de um ideal de empoderamento feminino, pois a mesma se destaca no ambiente diegético pelas suas características e atitudes anti-convencionais, sua homossexualidade já mencionada, e o modo como ela se impõe nesse contexto originalmente heteronormativo.

O figurino de Irma é uma peça chave para a composição da personagem, tanto visual quanto psicológica. Sua androginia é reforçada por roupas e acessórios que contenham masculinidade e, conseqüentemente, uma sensualidade agressiva, além de evidenciarem sua natureza forasteira. A fotografia buscou a reprodução de enquadramentos canônicos que pertencem ao universo dos filmes western, especificamente os do subgênero spaghetti, com planos externos de paisagem bastante abertos e planos de superclose, planos detalhe, utilizando-se em termos de lentes, grande angular, 50mm e filtros close up específicos, sem esquecer de mencionar os planos americanos tão usuais nesse contexto, tendo em Sergio Leone, Corbucci, e obviamente John Ford, as principais influências. Contudo foram experimentados enquadramentos outros, pouco convencionais, do gênero, mas, encontrados em filmes B, como por exemplo, um enquadramento diagonal utilizado

no filme japonês, baseado no mangá de mesmo nome Lady Snowblood de 1974 (no caso, o vol. 2, Love Song of Vengeance) e Female Convict 701: Scorpion de 1972.



fig. 1 Cena do filme Lady Snowblood.



fig. 2 Cena da vinheta IRMA.

A vinheta é predominantemente de iluminação clara, fazendo-se uso da luz natural, apenas. A vinheta e sua personagem que lhe deu origem, contém um apanhado estético ou técnico influenciado pelos filmes de empoderamento feminino, especialmente os filmes B, blaxploitation e exploitation. Foxy Brown, Coffy, Faster Pussycat kill kill, entre outros, são exemplos de filmes B que posicionam a mulher como protagonista de enfrentamento. O já mencionado Lady Snowblood (1 e 2), e todos da franquia Female Convict, assim como Kill Bill, além do empoderamento, coincidem pela temática de vingança.

Não podemos deixar de mencionar que a vinheta e o filme, de forma geral, abrem uma fenda ao documentário de evidência devido ao uso oportuno de imagens colhidas, em campo, de forma

documental e ressignificadas ou ficcionalizadas, como por exemplo, a carcaça de um jumento sendo devorado por urubus.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O processo de criação da vinheta se deu em consequência da gravação do curta metragem no Cariri paraibano, por ser uma paisagem que remete ao cinema novo e ao western. As imagens foram rodadas com uma equipe técnica bastante reduzida, de apenas quatro pessoas. Foram utilizados quatro dias de filmagens externas no Cariri, ao total.

Além da filmagem, houve um estudo prévio das técnicas a serem utilizadas, abordagem e decupagem da cenas.

Após finalizarmos o anteprojeto em meados de Agosto, percebemos que precisaríamos tomar duas decisões importantes: a primeira seria uma mudança no cronograma referente ao início das filmagens e a segunda com relação ao orçamento.

De acordo com o cronograma do anteprojeto, a produção estava prevista para a última semana de Novembro (24/11/14 a 30/11/14), entretanto, percebemos que a pré-produção iria demandar um tempo maior.

Ainda em Agosto, a produção iniciou contato com a Fazenda Poço das Pedras, localizada em São João do Cariri (PB), para solicitar apoio de hospedagem e alimentação, bem como para servir de locação para cenas da estrada e do duelo. Marcamos viagem em direção ao Cariri, chegando em 24 de Agosto para articular as negociações pessoalmente. Visitamos a fazenda e o centro da cidade de São João.

A visita às prováveis locações de São João do Cariri nos rendeu algumas imagens documentais e experimentais além de encantamento com o local que serviria adequadamente às cenas externas. A produção decidiu assumir os riscos da ousadia que acarretou no aumento do orçamento praticamente em dobro. Ao retornarmos a Recife, nossa peleja por cotações de transporte e apoios se iniciou.

No mês de Setembro, demos início às nossas reuniões com o professor Rodrigo Carreiro, nosso orientador. Em Outubro, foram marcadas as primeiras reuniões da direção de arte, principalmente para definir figurinos e custos. A produção foi ao quartel do Comando Geral da Polícia Militar de Pernambuco, com contato do coronel responsável pelo setor de armamentos, em busca de armas antigas e possível apoio. Em Novembro, visando ampliar a visibilidade e divulgação, criamos no Facebook a fanpage e uma conta no Instagram.

Com as filmagens previstas para Janeiro, era urgente a necessidade de aquisição dos demais figurinos. A produção viajou em, meados de Dezembro, para Caruaru em busca de utensílios, materiais e peças de couro para os figurinos.

Durante o mês, foram esboçadas algumas ideias de músicas para a trilha. Os primeiros encontros da banda em estúdio, para composição dos arranjos, foram programados para Janeiro.

No dia 29 de Dezembro, confirmamos o apoio relacionado à munição das armas, conseguimos 50 balas de festim.

No início de Janeiro de 2015, mais precisamente dia 02, viajamos para São João do Cariri para definir os últimos detalhes. As filmagens foram marcadas para os dias 22 a 25 de Janeiro. Durante a viagem, foram realizados testes de câmera, lentes, últimas definições de planos e locações, assim como takes de cobertura.

Na sexta, dia 23 de Janeiro, finalmente começamos as filmagens, de fato, que duraram todo o período da manhã e da tarde, e assim seguiram durante o Sábado e o Domingo.

6 CONSIDERAÇÕES

Desde a concepção da vinheta e do curta metragem IRMA, decidiu-se pela estética pastiche, visitando clichês do western, alinhando traços contemporâneos híbridos, por vezes subversivos.

Ao longo do trabalho podemos pôr em prática estudos do gênero western, de características do cinema novo e de filmes B japoneses, reverenciando e dissecando os filmes essenciais para o projeto. A finalização da vinheta de abertura, compreendida como apresentação da personagem título, possuindo parte das referências acima citadas, sem revelar, porém, a trama do filme, foi o primeiro desafio de tentativa de corporeificação do curta metragem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MULVEY, L. Prazer visual e cinema narrativo. Trad. João Luiz Vieira. In: Xavier, I. *A experiência do cinema*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 437-454. (1983)
- GALERY, M. C. V. *Considerações em torno do espectador, do olhar e da representação do feminino*. Florianópolis: Revista Fragmentos v. 26 – Artigos. 53-60. (2004).
- AMIEL, Vincent. *Estética da montagem*. Lisboa: Texto & Gráfia, 2010.
- DANCYGER, Ken. *Técnicas de edição para cinema e televisão: história, teoria e prática*. São Paulo: Elsevier, 4ª ed, 2007.
- CAMARGO, D. et alii. *Anthony Steffen. A saga do brasileiro que se tornou astro do banguê-banguê à italiana*. São Paulo: Matrix, 2007.
- RODRIGUEZ, Ángel. *A dimensão sonora da linguagem audiovisual*. Trad : Rosângela Dantas. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.
- CARREIRO, Rodrigo. *Era uma Vez no Spaghetti Western: Estilo e Narrativa na Obra de Sergio Leone*. Biblioteca Digital da UFPE, Recife – Pernambuco, 2011.